

A Medicina Interna no Sistema de Saúde Português *Internal Medicine in the Portuguese Health System*

A Medicina Interna, como especialidade, sofreu algumas oscilações ao longo das últimas décadas, inicialmente no sentido do enfraquecimento, devido à saída do seu seio das várias especialidades que hoje compõem o leque das especialidades médicas hospitalares, e, posteriormente, no sentido do fortalecimento, sendo hoje novamente a especialidade fulcral do sistema hospitalar.

As razões que levaram a esta perda e ganho de importância são várias e diferentes, embora, paradoxalmente, uma das razões porque voltou a ganhar força no sistema tenha sido precisamente aquela que numa primeira fase lhe a retirou. Isto é, foi a progressiva, e necessária, especialização da Medicina, criando especialistas e sub-especialistas, sabendo cada vez mais mas de menos coisas, que tornou imperiosa a valorização de uma especialidade, como a Medicina Interna, que é capaz de integrar no doente esses conhecimentos importantes, mas fragmentados, provenientes da evolução da ciência médica. Mas, para além deste, outros fatores contribuíram para a revalorização da Medicina Interna enquanto especialidade, como a melhor qualificação dos internistas, o envelhecimento da população e inerente polipatologia e, até, a nova visão organizativa dos hospitais.

É inegável que os internistas, em particular os mais jovens, estão hoje melhor preparados para responder às exigências da medicina atual, não só porque têm um bom substrato de conhecimento basal, mas também porque têm a possibilidade de, durante o internato complementar e mesmo depois, adquirir competências temáticas que outrora estavam indisponíveis ou eram de difícil acesso. Não pode aqui deixar de ser referido o papel fundamental dos avanços da tecnologia de informação que, praticamente em tempo real, permitem uma atualização técnico-científica constante.

Outro fator importante foi o envelhecimento da população e concomitante patologia crónica fazendo com que os idosos com polipatologia sejam hoje os doentes tipo dos hospitais, necessitando por isso não apenas de tratamento do órgão agudamente atingido, mas também do equilíbrio das doenças crónicas habitualmente presentes, que muitas vezes descompensam como consequência da doença aguda. Naturalmente que a Medicina Interna com o seu conhecimento multiorgânico integrado é a especialidade que melhor colocada está para lidar com este tipo de doentes.

A esta nova realidade, constituída por uma medicina superespecializada e doentes com polipatologia, veio juntar-se a necessidade de conter os custos da saúde, fazendo com que os gestores hospitalares passassem a valorizar mais a Medicina Interna. Perceberam que a moderna organização hospitalar deverá assentar na Medicina Interna, pois o internista é o médico apropriado para tratar o doente tipo atual do hospital, sendo, sem grande investimento formativo, facilmente adaptável às necessidades das instituições. Assim se percebe o porquê do aumento crescente do número de vagas do Internato de Medicina Interna nos últimos anos, não por alguma predileção especial, mas porque esta especialidade é mais barata e eficaz, isto é mais eficiente.

Contudo, para que a Medicina Interna assuma cabalmente o seu papel no sistema de saúde, é necessário que a organização hospitalar mude, abandonando-se o velho modelo de grandes serviços de patologia de órgão (Cardiologia, Pneumologia, Gastrenterologia, Nefrologia, etc.) em favor de grandes departamentos de Medicina Interna, onde genericamente os doentes da área médica sejam internados, ficando reservado para as especialidades de órgão o seguimento dos casos especiais, a tecnologia própria da especialidade e a consultadoria a estes departamentos.

Embora muitos passos ainda devam ser dados, a evolução do sistema de saúde português passa pela Medicina Interna, a qual, assumindo-se como pedra angular do sistema, terá seguramente um futuro risonho. ■

Manuel Teixeira Veríssimo

Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, Coimbra, Portugal